

O DEVIR NA LUZ¹

Hildegard de Bingen

*Desde as profundezas até as estrelas
o amor inunda tudo e
amorosamente cuida de tudo (Carmina, 16)*

E eu olhei para o mistério de Deus no meio dos ventos sulinos, uma imagem extremamente bela. Tinha a figura de um homem. Seu semblante continha tamanha beleza e claridade que seria mais fácil para mim olhar para o sol do que para esse rosto. Uma auréola de ouro circundava sua cabeça. Nessa auréola, acima da cabeça, aparecia um segundo rosto, como o semblante de um homem mais velho. O queixo e a barba deste tocavam o vértice da primeira cabeça. A partir da garganta desta figura surgia uma asa de cada lado. As asas elevavam-se por sobre a referida auréola e se uniam sobre esta. Na parte superior da curvatura da asa direita aparecia a cabeça de uma águia. Seus olhos eram como fogo, e neles brilhava o resplendor dos anjos como num espelho. Na parte superior da curvatura da asa esquerda havia uma cabeça humana, que brilhava como o cintilar das estrelas. Os dois rostos estavam voltados para o Oriente. Dos ombros descia ondulando uma asa até os joelhos. A figura estava envolta numa veste que brilhava como o sol. Em suas mãos trazia um cordeiro, que brilhava como um dia claro e brilhante. A figura falou assim:

“Eu, a força de fogo mais elevada, acendi todas as centelhas de vida e não expressei nada de mortal. Decido sobre toda a realidade.

¹ Tradução de Enio Paulo Giachini. Texto tirado de: HILDEGARD VON BINGEN. *Mistische Texte der Gotteserfahrung*. Ed. e intro. de Heinrich Schipperges. Olten; Freiburg; Breisgau: Walter-Verlag, 1978, p. 35-39.

N. do T: Em sua visão-cosmos, Hildegard de Bingen vê a deidade trina na figura de um homem. A figura é símbolo de amor, que entra na vida em majestade luminosa. O amor é a vida totalmente sadia (*vita integra*), que se expressa em toda a criação de modo inteligível. Mas, como o cume do supremo amor, anuncia-se que o Filho de Deus quis tornar-se homem para reconduzir os homens de volta à morada celeste. A primeira **visão** fala só desse mistério.

Com minhas asas superiores abarco o globo terrestre, pois ordenei o todo com sabedoria. Eu, a vida de fogo da essencialidade divina, rebrilho por sobre a beleza das campinas, ilumino por sobre as águas, queimo no sol, na lua e nas estrelas. Com todo sopro de vento, com a vida invisível que tudo sustenta, desperto tudo para a vida. O ar vive em tudo que verdeja e floresce. As águas escorrem como se vivessem. O sol vive em sua luz, e depois de ele desaparecer, a lua volta a ser acesa pela luz do sol, como se voltasse a reviver.

Também as estrelas expandem sua luz, como se vivessem, e expandem seu brilho claro. Eu erigi as colunas que sustentam todo o globo terrestre e igualmente as forças dos ventos, que têm, por seu turno, asas subordinadas, por assim dizer, ventos mais fracos, que por sua força suave resistem aos mais violentos para que não irrompam perigosamente. Assim também a alma recobre o corpo e o mantém unido para que ele não se exale. Pois como o sopro da alma fortalece e firma o corpo somático, para que ele não se exaura, também os ventos fortes vivificam os ventos a eles subordinados para que esses prestem seus serviços de modo correspondente.

E assim repouso protegido e oculto em toda a realidade como força de fogo. Tudo arde só por meu intermédio, assim como a respiração move ininterruptamente o homem, como a chama no fogo movida pelo vento. Tudo isso vive em sua essencialidade, e ali não há morte – pois Eu sou a vida. Também sou o intelecto que carrega consigo o sopro daquela palavra sonora, pela qual foi feita toda a criação. A tudo insiro meu hálito de vida, de modo que nada disso é mortal em sua espécie – pois Eu sou a vida. Eu sou a vida totalmente sagrada e sadia: não fui cunhado a partir de pedra, nem brotei do ramo, não fui gerado pela força de um varão. Ao contrário, toda vida tem a raiz em mim. O intelecto é a raiz, a palavra sonora floresce a partir dele.”

Mas, visto que Deus é intelecto, como poderia acontecer de Ele não estar em atuação? Ele que faz florescer cada uma de suas obras através do homem. Ele o criou segundo sua imagem e sua semelhança, e assinalou cada uma de suas criaturas, segundo a medida firme, nesse homem. Desde a eternidade estava nos desígnios de Deus que

Ele queria criar sua obra – o homem. E visto que Ele locupletou sua obra, entregou ao homem toda a criação para que ele pudesse operar com ela, e quiçá do mesmo modo como o próprio Deus formara sua obra – o homem.

E, assim, sirvo ajudando, pois toda vida brota de mim. A vida que permanece eternamente igual sou eu, sem origem e sem fim. Precisamente essa vida é Deus, constantemente em movimento e sempre operando, e essa vida única se mostra numa força tripla, pois a eternidade é chamada **o Pai**; o sopro é chamado de **o Filho**; e o que une os dois é chamado de **Espírito Santo**. Nessa trindade estão os corpos, a alma e o intelecto. O fato de eu **resplandecer** como chama sobre a beleza dos campos terrenos significa: a terra é a matéria da qual Deus formou o homem, e o fato de eu resplandecer nas águas indica a alma que perpassa todo o corpo, como a água perpassa toda a terra. O fato de eu arder no sol e na lua indica o intelecto; as estrelas são, pois, palavras incontáveis do intelecto. E o fato de eu despertar o todo cheio de vida com o sopro de vento, como uma vida invisível que tudo sustenta, significa: pelo ar e pelo vento é vivificado e sustentado tudo que está em crescimento e em nada diverge do que Nele está.

E de novo ouvi a voz do céu, que me falou: “Deus, que tudo fez, formou o homem a sua imagem e semelhança e nele assinalou tanto as criaturas superiores como as inferiores. Ele o amou de tal modo que lhe destinou aquele lugar do qual foi deposto o anjo decaído, conferindo-lhe toda honra e glória que aquele perdeu com sua bem-aventurança. É isso o que mostra o rosto que contemplas”.

Isso porque o que vês no mistério de Deus em meio aos ventos sulinos como figura maravilhosamente bela, como que com forma humana, incorpora o amor do Pai celeste. O amor é a força da deidade imperecível, de beleza extraordinária, admirável em Seus dons profundamente misteriosos! Aparece em figura humana, porque o Filho de Deus, quando se revestiu de carne humana, remiu o homem decaído e o colocou a serviço do amor. Por isso o rosto resplandece tal beleza e claridade – seria mais fácil para ti olhar para o sol do que para esse rosto. Isso porque a superabundância de amor brilha e

cintila numa profusão de raios brilhantes de Seus dons, que supera de longe qualquer introspecção da compreensão humana, pela qual se reconhece na alma as mais diversas coisas, de modo que ninguém o consegue apreender em sua capacidade sensorial. Mas aqui isso se mostra numa imagem sensorial, para que se reconheça na fé aquilo que não se pode vislumbrar e ver com os olhos exteriores.

Outra auréola de ouro circunda a cabeça dessa visão, pois a fé que tudo abraça, derramada sobre todo o globo terrestre, surgiu na primeira aurora do mais brilhante esplendor. Só a fé, em profunda reverência, apreende a superabundância desse amor que sobrepassa toda compreensão: a saber, quando seu filho se fez homem, Deus remiu o homem e o confirmou derramando nele o Espírito Santo. Assim, reconhece-se o Deus uno em sua trindade; Ele que, sem começo temporal, era Deus em sua deidade sem início no tempo. Nessa imagem da cabeça vê-se, acima, uma outra cabeça como a de um ancião, que significa a bondade superlativa da deidade, que não tem começo e nem fim, e se esmera para vir em auxílio dos fiéis. Queixo e barba tocam o vértice do primeiro rosto, pois, no plano e no saber prévio e total de Deus, esse era o cume do amor supremo: que o Filho de Deus, em sua humanidade, reconduzisse o homem decaído para o reino celeste (LDO 741-745; WM 25-27).